BOLETIM DO CEIB

Belo Horizonte, Volume 21, Número 68, novembro/2017

EDITORIAL

Temos o prazer de publicar, neste número do **Boletim do Ceib,** o artigo *Devoção e Dissociação: Imagens sacras retirados ao culto na Catedral de Pelotas-RS,* de Jonas Klug Silveira e Marcelo Hansen Madail. Ambos são de Pelotas, no Rio Grande do Sul. Jonas é professor da Universidade Federal de Pelotas e Marcelo, conservador-restaurador da Secretaria de Cultura do Município.

O X Congresso Internacional do Ceib realizado em Salvador, de 24 a 28 de outubro passado, transcorreu em um ambiente muito solene na Faculdade de Medicina da Bahia, primeira dessa área no Brasil. Foram apresentadas três conferências, uma mesa-redonda, 23 comunicações e três pôsteres. Na página 6 vocês poderão tomar conhecimento de informações detalhadas sobre o congresso.

Com muita alegria, comunicamos que acabamos de enviar para a gráfica, os Boletins do Ceib 65, com artigo de Erika Benatti: *Uma experiência de Consolidação de esculturas monumentais em madeira: Os evangelistas de Guilaume Evrard (1709-1793),* e também o de número 66, com o artigo de Fátima Justiniano: *A procissão do Triunfo da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo de Tavira, Portugal, no século XXI* . A insuficiência de recursos nos levou a publicá-los apenas eletronicamente, porém, com o pagamento das anuidades dos nossos associados, corte de muitas despesas da administração, algum saldo do X Congresso e menor custo com a publicação dos dois exemplares em um, foi possível agora imprimi-los, e em breve estaremos enviando para vocês, para instituições de História da Arte, Preservação de Patrimônio e conferencistas dos nossos congressos.

A direção do Centro de Estudos da Imaginária Brasileira deseja a cada um de nosso leitores, associados ou não, um bom Natal, comemorado com suas famílias e um Ano Novo de 2018 cheio de alegrias e realizações!

DEVOÇÃO E DISSOCIAÇÃO: IMAGENS SACRAS RETIRADAS AO CULTO NA CATEDRAL DE PELOTAS-RS

Jonas Klug da Silveira*
Marcelo Hansen Madail**

FIGURA 1: Interior da Catedral na configuração anterior a 1933, com nave única e seis altares laterais. Fonte: Ramão Barros, acervo Mário Mattos, reproduzida em MAGALHÃES, 1990: 12-13.

RESUMO

O presente artigo aborda a dissociação como fator de perda da memória sócio-histórica em relação a três imagens específicas, de um conjunto maior, pertencentes à Catedral Metropolitana de São Francisco de Paula de Pelotas-RS, retiradas de culto no final da década de 1960, as quais exerceram seu protagonismo na história de antigas irmandades leigas e da devoção popular local. Essa dissociação, antes de sua retirada definitiva, esteve ligada a outros fatores, como supressão de irmandades que lhes davam culto, e radicais reformas do templo e de seus respectivos altares. Mapear a trajetória de tais peças contribuirá para a valorização de um patrimônio simultaneamente material e imaterial da cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Imaginária sacra; dissociação; irmandades negras; religiosidade popular; catolicismo no Rio Grande do Sul.

INTRODUÇÃO

A atual Catedral Metropolitana São Francisco de Paula da cidade de Pelotas-RS situa-se no lugar da primeira pequena igreja Matriz da freguesia criada em 1812, a qual, a partir de meados da década de 1820, deu lugar a um segundo e grande templo, concluído na década de 1850 (FIG. 1) (MAGALHÃES, 1990: 12-13). Uma radical reforma efetuada em 1933 manteve do edifício anterior apenas o frontispício com as torres e abriu duas naves laterais em seu interior, o que interferiu diretamente na estrutura dos altares (FIG. 2). Entre 1948 e 1950, por fim, foi construída a atual capela-mor e suas colaterais, sob a cúpula. Nessa fase, todo o interior do templo foi decorado com painéis pelos artistas italianos Aldo Locatelli e Emílio Sessa, resultando em um dos mais notáveis exemplares de pintura sacra mural do País.

O acervo de imagens da antiga Matriz foi-se constituindo principalmente pelo esforço das irmandades sucessivamente organizadas. A primeira delas, como de costume no Brasil colonial, foi a Irmandade do Santíssimo Sacramento e Padroeiro São Francisco de Paula, a quem coube administrar os bens e finanças paroquiais, responsabilizando-se pelo necessário ao culto. Nessa condição, mandou vir da cidade do Porto, Portugal, em 1818, as imagens do Senhor Morto e Nossa Senhora

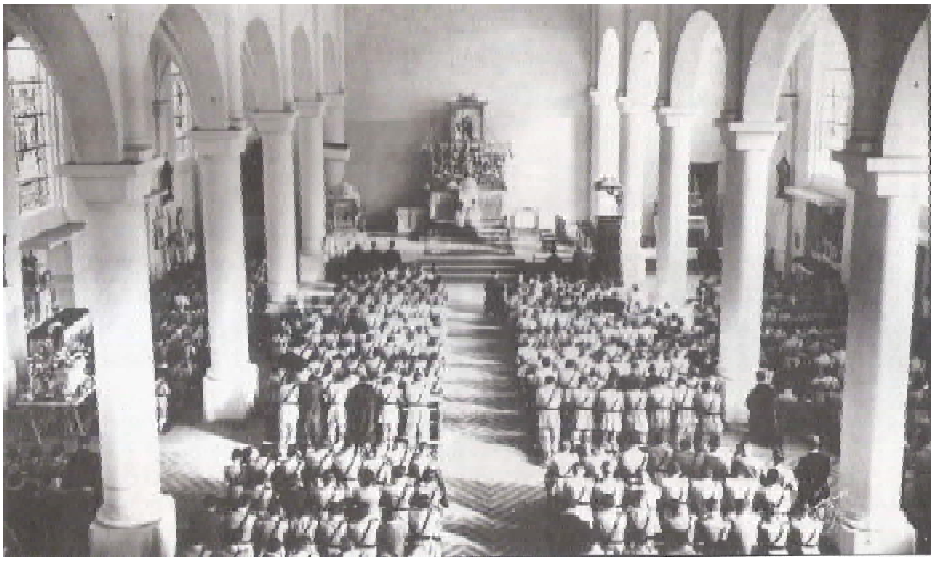

FIGURA 2: Interior da Catedral após a reforma de 1933, já com as naves laterais e sem a atual capela-mor. O altar é um fragmento do retábulo da FIG. 1. Fonte: acervo do Colégio Gonzaga, reproduzida em PARMAGNANI, 1995: 116.

da Soledade, para que se pudesse realizar, na Semana Santa, ao menos a Procissão do Enterro (NASCIMENTO, 1982: 19).

O registro da história das irmandades que se foram organizando posteriormente, e da aquisição de suas imagens titulares, deve-se, principalmente, ao levantamento documental e oral realizado pelo escrivão da Irmandade do Santíssimo, José Vieira Pimenta (+1874), que os transcreveu no Livro Tombo da Matriz. Esse trabalho se deveu principalmente à perda de muitos documentos durante as desordens da Revolução Farroupilha, que, durante dez anos (1835-1845) interromperam as atividades e festividades de algumas irmandades, as quais, ao se reorganizarem, sofreram eventuais alterações em seus perfis. Posteriormente, a criação da Diocese de Pelotas, em 1910, deu origem a sérios conflitos entre certas irmandades e o primeiro bispo, D. Francisco de Campos Barreto, que acabou por suprimir a maior parte delas, sendo que algumas optaram por manter o status de entidades civis. Tais mudanças afetaram o tratamento dado às respectivas imagens e seu culto, gerando uma perda da memória ao redor destas. Essa perda é tanto mais grave pelo fato de três dessas imagens – Nossa Senhora da Conceição, da Assunção e do Rosário – estarem ligadas a irmandades que reuniam, como em muitas cidades antigas brasileiras, diferentes etnias e/ou classes da população negra e mestiça, da qual Pelotas teve, possivelmente, a maior concentração em todo o Sul do País no século XIX. Este artigo enfocará, fundamentalmente, essas três imagens e seu processo de descontextualização, embora outras imagens com histórico de grande devoção popular, como Santa Bárbara e Nossa Senhora da Cabeça, também tenham sido retiradas de culto e sofrido grande deterioração pelas más condições de conservação a que foram submetidas.

1. NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

Assim consta das anotações de Vieira Pimenta no Livro Tombo, pp. 119 e 120, sobre a origem da Irmandade da Conceição, conforme transcrição em Silva (2011: 66):

"Em 26 de novembro de 1820, reuniram-se os homens de cor, pardos e pretos livres e cativos tendo à testa o preto forro João Pedro da Motta, formaram a Irmandade obtendo do nosso Vigário e da Irmandade do Santíssimo Sacramento um altar em cada lado em linha oblíqua, e em 16 de dezembro do mesmo ano fizeram perante o nosso Vigário um compromisso que, além da festividade a Nossa Senhora no dia 8 de dezembro, tendia a beneficiar os irmãos e irmãs que empobrecessem e a qualquer outro necessitado que requeresse socorro [...]. No ano de 1821 a preta Felícia Maria da Conceição mandou vir a imagem de Nossa Senhora da Conceição que atualmente está no asilo de órfãs, por ter a Irmandade, no ano de 1846, obtido outra maior por troca[1] *feita com Manoel Antônio Pereira que pertencia ao Oratório de sua Charqueada na Costa do (arroio) Pelotas [...]. Até 1836, seguiu a Irmandade o seu compromisso, fazendo festinha a Nossa Senhora, com nomeação de protetores e juízes por devoção de pessoas abastadas ou de influência do lugar [...] Em 9 de maio de 1847, a Irmandade, já composta de quase tudo gente nova e grada e de poucos irmãos dos antigos, fez um novo compromisso com 52 artigos [...] declarando esse compromisso de só se admitirem para irmãos pessoas livres e de exemplar conduta."*

O diário de viagem do bispo do Rio de Janeiro, D. Manuel do Monte Rodrigues de Araújo, em sua visita pastoral a Pelotas em 1824, assinala que, na primitiva igreja, só havia dois altares laterais, dedicados a Nossa Senhora da Soledade e Nossa Senhora do *Rosário* (RUPERT, 1998: 168), em um possível lapso de memória, associando, de forma inconsciente, o altar da então única irmandade negra – da Conceição – com a advocação mariana habitual nas confrarias negras das demais paróquias que visitou, mas que só terá sua própria irmandade em 1830.

Como se vê, o perfil da Irmandade da Conceição muda radicalmente após o interregno do conflito civil, coincidindo com o grande impulso de enriquecimento da cidade graças à economia do charque. Muitos cidadãos "grados e livres" que então passam a compor a Irmandade têm também ligação com a Maçonaria que, ao encerrar as atividades de uma de suas lojas, funda no prédio desta o citado Asilo de Órfãs Nossa Senhora da Conceição, para onde é deslocada a histórica imagem original, hoje desaparecida. A imagem de que tratamos neste artigo é a segunda e maior, a qual, na conclusão do segundo templo, terá lugar no altar lateral esquerdo mais próximo ao arco-cruzeiro. A filiação maçônica de vários irmãos e os conflitos entre Maçonaria e Igreja no final do Império, entretanto, levará a mesa administrativa a recusar-se a prestar contas de seu patrimônio ao bispo Barreto como suprema autoridade diocesana, gerando um escandaloso processo judicial e troca de insultos na imprensa (RIBEIRO, 2011).

FIGURA 3: Lembrança da festa de N. Sra. da Conceição de 1938, na Catedral de Pelotas. Fonte: acervo do autor.

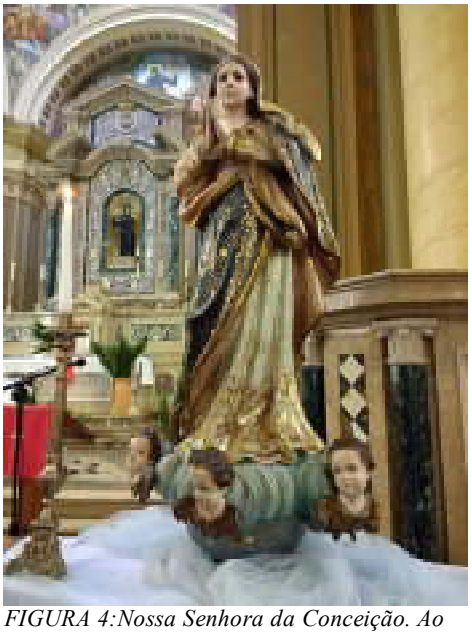

FIGURA 4:Nossa Senhora da Conceição. Ao fundo aparece a atual capela-mor, com as pinturas de Locatelli. Fonte: o autor.

Mesmo tendo ganho a causa no âmbito civil, o sodalício acabou por dissolver-se, outorgando seus bens à Santa Casa de Misericórdia e ao Asilo São Benedito, ao qual coube a imagem de Nossa Senhora, posteriormente devolvida à Catedral (NASCIMENTO, 1989: 128).

Na radical reforma de 1933, em que as duas naves laterais ocuparam o espaço dos antigos consistórios, capelas e sacristias da velha Matriz de nave única, a imagem é entronizada em um altar situado em posição de destaque, na cabeceira da nave lateral esquerda, evidenciando seu papel de mais popular imagem mariana no templo. Em uma foto de maio de 1942 (PARMAGNANI, 1995: 116) (FIG. 2), a imagem aparece, por ser Mês de Maria, entronizada abaixo da imagem de São Francisco no altar-mor – fragmento do antigo retábulo, improvisado pela falta de recursos para a realização de um novo, que só acontecerá na reforma seguinte. Na foto de um "santinho" de lembrança da mesma época (FIG.3), aparece ornada com uma grande coroa aureolada de estrelas, graças a isso recentemente identificada entre os objetos conservados em mau estado no depósito onde permaneceram durante mais de quarenta anos as imagens retiradas de culto. Evidencia-se nesse exemplo o grave problema da dissociação entre imagens e seus atributos. Nesse trabalho de reconstituição, peças soltas ou quebradas foram identificadas e reunidas, assim como atributos colocados em outras imagens, restando ainda por concluir a identificação dos que foram recolhidos a um cofre, por receio de furto.

Na reforma de 1948-50, a imagem é transferida para uma das novas capelas colaterais ao presbitério. Permanece aí por cerca de vinte anos, quando passa a substituir a imagem de Nossa Senhora da Assunção ou da Glória (da qual se tratará adiante) que é retirada de seu respectivo altar lateral, por motivo de uma interpretação das diretrizes reformistas do Concílio Vaticano II, de que as imagens marianas deveriam, se possível, reduzirem-se a uma única, no templo – o que não chegou a acontecer totalmente, por protesto de alguns grupos; a relativa semelhança iconográfica entre Conceição e Assunção favoreceu a aceitação dessa troca. Por meados da década de 1980, temendo-se nova onda de furtos, a imagem foi removida para a cripta dos bispos, sendo exposta a cada ano, somente por ocasião da coroação do encerramento do Mês de Maria, e em sua solenidade própria, a 08 de dezembro. Esse outro nível de dissociação – entre as imagens e seus altares ou seus eventuais pares – gerou, no caso, uma ambiguidade iconográfica a ponto de, na procissão do padroeiro do ano 2000, quando a diocese completava 90 anos, a imagem da Conceição sair em andor identificada como Nossa Senhora da Glória, padroeira da Diocese. O fato revela o parco conhecimento e interesse, por parte de elementos do clero e laicato, no tocante à iconografia.

No aspecto material, a imagem, em madeira policromada, segue os cânones da tradição iconográfica luso-brasileira, com a Virgem em pé, mãos unidas, trajando vestido, manto e véu em suntuosa policromia, totalmente executada em trabalho de punção e esgrafiados sobre ouro, pousada sobre uma nuvem da qual assomam três cabeças de querubins e as pontas do crescente, que cobre a metade de um orbe estrelado sobre a peanha. Encontra-se em relativo bom estado de estado de conservação, apesar de apresentar repintura na nuvem e na carnação dos querubins. Mede pouco mais de 1m, e é de provável origem portuguesa (FIG. 4).

2. NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO (OU DA GLÓRIA)

Em 1829, organiza-se outra irmandade de "gente de cor livre e cativa": a de Nossa Senhora da Assunção e Boa Morte, que, nos mesmos moldes da Irmandade da Conceição, permitia o ingresso de "protetores" brancos; no mesmo ano é adquirida de Portugal a imagem jacente, de vestir e de pequeno porte, de Nossa Senhora da Boa Morte (FIG. 5), com a qual se realizava a Procissão do Enterro da Virgem, na vigília da festa da Assunção. As festividades se interromperam durante a Revolução Farroupilha, período em que

FIGURA 5: Nossa Senhora da Boa Morte (detalhe). Fonte: o autor.

se extraviaram os livros antigos da Irmandade, que se reorganizou em 1847, recebendo em 1851 a aprovação imperial do "compromisso" definitivo. Em 1853, o charqueador Manoel Daltro encomendou da Bahia e fez doação aos irmãos de sua segunda imagem titular (SILVA, 2011: 71), quando é construído, por fim, um altar lateral para ambas as imagens[2].

Trata-se de uma imagem em madeira policromada de grande porte, com olhos de vidro, de talha completa, porém feita para receber cabeleira natural. Representa a Virgem em sua Assunção aos Céus, em pé sobre uma simples nuvem, olhando para o alto, com a mão esquerda sobre o peito e o braço direito estendido. Traja apenas um vestido, em policromia caracteristicamente baiana, com motivos fitomórficos em ouro e branco sobre fundo azul-celeste, e grandes florões dourados com ramos de rosas ao centro. Na cintura, ostenta um cordão de fios de ouro e seda. Não apresenta, na cabeça, orifício para coroa ou resplendor (FIG. 6).

Havendo-se tornado padroeira da Diocese de Pelotas, em virtude da bula de criação desta ter sido emitida pelo Papa Pio X na festa da Assunção, 15 de agosto de 1910,

FIGURA 6: Nossa Senhora da Assunção, ou da Glória, durante a exposição do Memorial Torre Norte. Fonte: o autor.

FIGURA 7: Placa afixada no quadro de catacumbas da Irmandade do Rosário, em preito de gratidão ao fundador das mesmas e seu tesoureiro, Manoel Santos. Sem data, cerca de 1900. Fonte: o autor.

essa devoção mariana ganhou importância local e, não obstante a Irmandade ter sido arbitrariamente extinta pelo bispo Barreto em 1918, o altar foi mantido no projeto da reforma de 1933, substituído, como os demais, por novo, em mármore, provavelmente no mesmo lugar do antigo, o primeiro à entrada da nave lateral direita, que apresenta ao centro a inscrição latina: *Assumpta est Maria in Coelo* (Maria é elevada ao Céu). Na parte inferior se mantém exposta em um nicho envidraçado a imagem de Nossa Senhora da Boa Morte. Por esse altar, como já foi mencionado, passou a imagem de Nossa Senhora da Conceição, sendo o lugar ocupado, atualmente, por uma imagem de Santa Rita de Cássia, em discordância com a inscrição a seus pés. É preciso notar que, na reforma de 1933, ocorrem mudanças na escolha dos santos titulares dos altares laterais, pela ascensão de novas devoções, mais modernas, ou simplesmente pela imposição dos patrocinadores dos novos altares, como foi o caso do altar dedicado a São Carlos Borromeu (FIG.6), que jamais teve qualquer devoção popular local, porém era o padroeiro onomástico do doador; o de São João Batista de la Salle, fundador da congregação religiosa masculina que possuiu colégio vizinho à Catedral; ou o de São Geraldo Majella, devoção trazida por elementos da comunidade italiana local. Desta maneira, devoções antigas perdem terreno não só simbólico, mas físico, para outras, novas, em uma forma mais sutil de dissociação. Assim, Santa Bárbara, que teve seu altar próprio à entrada da antiga e profunda capela-mor, construído em 1869 (NASCIMENTO: 1989, 49), aparece na foto pouco anterior à demolição do antigo templo deslocada para a banqueta lateral do retábulo do altar-mor (FIG.1), donde se presume que seu antigo altar próprio tenha sido ocupado por devoção mais nova e importante, já anteriormente à reforma de 1933[3].

FIGURA 8: Foto da reserva técnica do Memorial Torre Norte, onde aparece a imagem de roca de N. Sra. do Rosário entre as imagens de N. Sra. da Soledade e Santa Bárbara. Fonte: Marcelo Madail, coautor.

3. NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

A terceira irmandade negra criada na freguesia de São Francisco de Paula, em 1830, foi a de Nossa Senhora do Rosário, um ano apenas após à da Boa Morte. O fato parece evidenciar a necessidade de congregar diferentes etnias africanas presentes em uma freguesia prestes a ser elevada a vila, na qual praticamente metade da população era negra, escrava ou livre. Em geral, a Virgem do Rosário estava vinculada a negros oriundos de Angola ou seus descendentes. Tornou-se a mais numerosa e importante das irmandades negras, proprietária de um grande quadro de catacumbas em posição destacada no Cemitério da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia (FIG.7), patrimônio que, como entidade civil, mesmo após ser suprimida pelo bispo Barreto juntamente com a da Boa Morte e Assunção em 1918, manteve administrado em sua sede própria até menos de duas décadas atrás. A razão ou argumento para essa supressão ainda é uma incógnita, considerado que as duas irmandades submeteram-se à autoridade diocesana quanto à prestação de contas de seus bens e eventual reforma de estatutos. Não é impossível que a ereção de uma nova Confraria do Rosário exclusivamente feminina, sem status civil e sob forte controle clerical, na recém-criada paróquia do Sagrado Coração de Jesus, no bairro então imigrante e operário junto ao porto da cidade, tenha servido de argumento para a extinção arbitrária das duas históricas irmandades negras, em um claro gesto de elitização do templo principal da cidade.

A imagem titular, em tamanho próximo ao natural, apresenta-se em atitude de sustentar o Menino no braço esquerdo e o rosário, na mão direita. É de roca, mais leve para ser carregada em procissão, e de menor custo que uma de talha completa policromada, tendo sido adquirida, de Portugal, por cotização dos fundadores. (FIG. 8). Estando no depósito, na década de 1980, teve seu Menino retirado para substituir o que fora furtado da imagem da Senhora do Carmo que permanecera no respectivo altar, conforme informação recolhida do pároco que tomou essa iniciativa, em mais um episódio de dissociação entre elementos. A época em que foi retirada de culto é uma incógnita. Na foto de 1942 (FIG.2), à esquerda de quem olha, vê-se antes da primeira coluna, na nave lateral, o altar de São Geraldo Majella, sob um vitral; a coluna oculta o altar seguinte, que é atualmente ocupado pela imagem de Santa Teresinha. Esse altar é o único que não possui quaisquer insígnias que informem a qual imagem titular fora destinado. No de São Geraldo figura um monograma em relevo no mármore com as iniciais de seu nome, "SG"; no de São José, instrumentos de carpintaria; no de São Carlos, as insígnias arquiepiscopais, etc. Porém, a imagem de Santa Teresinha aparece ao seu lado, claramente visível, em perfil, com sua capa branca e véu negro, sobre um pedestal, cercada de flores, donde

FIGURA 9: O monumental jazigo, esculpido em granito, construído para ossário da Irmandade do Rosário, já como entidade apenas civil, em 1932, sinal de sua vitalidade e poder econômico.

se deduz que outra imagem seria a titular, podendo-se admitir que seria a Senhora do Rosário, cujas dimensões são proporcionais ao altar. Outro fator indicativo é que, em 1932, ano anterior à reforma, a irmandade, existente como entidade civil, constrói um monumental jazigo esculpido em granito (FIG.9), para ossário perpétuo dos irmãos cujos nichos nas catacumbas da Irmandade iam sendo desocupados e relocados. Esse dado nos dá uma pista de que congregou uma parcela economicamente privilegiada da população negra ou mestiça local, capaz de patrocinar um novo altar para sua titular[4]. Entretanto, não é impossível que, já na reforma de 1948-50, a imagem tenha sido retirada de culto e Santa Teresinha ocupado seu lugar, posto que há informações de que Santa Bárbara teria ocupado o pedestal em que aquela aparece na foto. Nessa mesma época, um pároco, conforme depoimento recolhido anos atrás, mandou destruir os bancos que traziam indicação de reservados à irmandade "dos pretos", interpretando sua presença como um sinal de discriminação, quando fora, ao contrário, uma conquista territorial dos mesmos no espaço do templo comum.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentro do grande projeto de restauro da Catedral, que abarca, em um primeiro momento, os problemas estruturais básicos e, num segundo, sua valiosa pintura mural, foi criado, através da colaboração voluntária de um grupo de profissionais das áreas de museologia, conservação e restauro, história, arquitetura, o Memorial Torre Norte, que leva o nome do espaço físico doravante destinado a exposições, extensíveis ao interior do templo, e reserva técnica de peças históricas e documentação. A par disso, visa manter um permanente processo de pesquisa de informações documentais, iconográficas e orais relativas ao patrimônio imaterial ao qual as dissociações, descontinuidades e esquecimento causaram ainda maior dano que ao patrimônio material a ele vinculado. O presente trabalho desenvolve elementos da pesquisa por nós realizada para os banners e legendas da primeira exposição do projeto, neste ano de 2017. Sua continuidade visa tentar reconstituir um panorama de costumes e ritos coletivos outrora manifestado em novenas, trezenas, procissões e festas que constituíram um universo de significação no cotidiano e nos ciclos temporais da Paróquia e da Cidade, especialmente no tocante às práticas da religiosidade popular. Do mesmo modo, a integração do acervo material, especialmente das imagens, ao cenário interno da Catedral, através de exposições, visa a re-contextualização desses objetos que não são meras obras de arte ou peças de museu, mas poderosas expressões simbólicas de uma gama de perfis identitários que formaram e ainda hoje constituem o tecido social e antropológico da comunidade local.

NOTAS

[1] O termo "troca", aqui empregado por Pimenta, equivale a "compra". "Trocar por dinheiro" era o eufemismo usual para referir o comércio de imagens que já tivessem sido benzidas para o culto, como era o caso da imagem em questão, posto que o comércio de coisas sagradas caracteriza simonia. Fora desse contexto, o termo pode induzir ao equívoco de que a imagem primitiva, menor, houvesse sido trocada com o charqueador pela imagem maior, de seu oratório (na acepção jurídica de "capela particular"). A continuação do texto indica o destino da imagem menor.

[2] Até então, as imagens costumavam ser encomendadas de atelieres portugueses do Porto, como as de Nossa Senhora do Carmo e do Senhor dos Passos, ambas chegadas em 1851 (NASCIMENTO, 1982:22). As imagens de Santa Bárbara e Santa Cecília, posteriores à de Nossa Senhora da Assunção, apresentam características escultóricas e policrômicas claramente baianas, ainda que com diferentes níveis de refinamento técnico. Ao final do século XIX, o centro de importação passa a ser novamente Portugal, especialmente do renomado atelier A. A. Estrella, do Porto, como é o caso da imagem de São José, em madeira policromada, porém estilisticamente influenciada pelo gosto "saint-sulpiciano" das imagens de molde fabricadas em *carton*, ainda que com traços próprios.

[3] A fotografia original da FIG. 1 foi reproduzida em clichê em um periódico, e a imagem de Santa Bárbara aparece muito desfocada, sob o nicho lateral do retábulo, somente identificável para quem conhece a peça e tem possibilidade de ver a foto em maior tamanho.

[4] A estratificação sócio-econômica dentro da população negra pelotense, representada fortemente nas distintas entidades sociais carnavalescas, é um dos objetos de estudo da dissertação de Silva, 2011.

REFERÊNCIAS

MAGALHÃES, Nelson Nobre. *Pelotas Memória.* Fascículo V. Pelotas: [s.n.],1990.

NASCIMENTO, Heloísa Assumpção. *Arcaz de Lembranças*: subsídios para uma breve história da Irmandade do Ssmo. Sacramento e S. Francisco de Paula da Cidade de Pelotas (1812-1912). Porto Alegre: Martins Livreiro, 1982.

NASCIMENTO, Heloísa Assumpção. *Nossa cidade era assim*. Vol. I. Pelotas: Livraria Mundial, 1989.

PARMAGNANI, Jacob J.; RUEDELL, Otto e BERTUOL, Olírio. *Cem anos de educação*: memorial do Colégio Gonzaga. Porto Alegre: Palotti, 1995.

RIBEIRO, Caio R. *Elite dirigente e elite religiosa*: disputas e conflitos na República Velha em Pelotas-RS (1910-1920). In: Revista Brasileira de História das Religiões. Maringá (PR) v. III, n.9, jan/2011. Disponível em: http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html

SILVA, Fernanda Oliveira da. *Os negros, a constituição de espaços para os seus e o entrelaçamento desses espaços*: associações e identidades negras em Pelotas (1820-1943) (dissertação de Mestrado). Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em História, 2011.

***Jonas Silveira Klug** é Mestre em Educação e Professor Assistente da Universidade Federal de Pelotas, Rio Grande do Sul (UFPel).*
E-mail: jonasklug72@gmail.com

*** **Marcelo Hansen Madail** é conervador-restaurador da Secretaria Municipal de Cultura (SMC-)Pelotas-RS.*
E-mail: m.madail@hotmail.com

Figura 1: Sessão de abertura no Museu de Arte Sacra.

X CONGRESSO INTERNACIONAL DO CEIB

24 a 28 de outubro de 2017

Salvador, Bahia.

Figura 5: Visita à cidade histórica de Cahoeira.

O X Congresso Internacional do Ceib foi realizado na cidade de Salvador, na Bahia, no auditório da primeira Faculdade de Medicina do Brasil. A coordenação local do evento contou com o integral apoio do Museu de Arte Sacra da Bahia (MAS/UFBA), e a presidente foi a mestre e conservadora-restauradora do Museu e associada do Ceib, Claudia Maria Guanais Aguiar Fausto, responsável por toda a organização local do evento, apoiada por excelente equipe de voluntários.

A solenidade de abertura aconteceu na noite do dia 24, nas dependências do Museu (FIG.1) e foi constituída por sessão de autógrafos de publicações relacionadas com a imaginária brasileira, tendo sido finalizado com coquetel servido na parte externa, com vista para a Baia de Todos os Santos e quitutes típicos da Bahia.

Nos três dias que se seguiram, foram apresentadas comunicações e pôsteres, selecionados pela Comissão Científica, três conferências, e uma mesa-redonda, realizadas pelos seguintes pesquisadores convidados: Dr. Dom Carlos Azevedo (Lisboa, Portugal) (FIG.2), que falou sobre as novas simbologias e interpretações da ladainha de Nossa Senhora; Profa. Dra. Gabriela Siracusano (Buenos Aires/Argentina) (FIG. 3), sobre abordagem interdisciplinar dos estudos da escultura; Prof. Dr. Tadeu Mourão (Rio de janeiro-RJ) (FIG. 4), que apresentou uma pesquisa sobre as representações de São Cosme e Damião e a transformação dessas esculturas domésticas no Brasil. A mesa-redonda sobre o Patrimônio cultural baiano, foi composta pelos Professores, Dr. Franciso Portugal, Dr. Luiz Alberto Feire e pela Dra. Maria Helena Ochi Flexor, e moderada pelo Dr. José Dirson Argolo.

O evento foi finalizado, no dia 28, sábado, com uma visita à Cidade de Cachoeira (FIG.5), em que foi possível visitar a Ordem Terceira do Carmo, a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário e as dependências da Irmandade da Boa Morte.

Ao contrário das edições anteriores, o X Congresso não contou com a ajuda de recursos das agências governamentais de fomento. Toda a organização foi realizada com valores arrecadados com as inscrições dos participantes, apoio da Universidade Federal da Bahia e do Museu de Arte Sacra, e patrocínio financeiro do Studio Argolo, (empresa de restauração do associado do Ceib, Dr. José Dirson Argolo e Waldemar Silvestre Carlos, de Salvador).

A Comissão Organizadora obteve também a doação de uma excelente peça escultórica representando Santo Antônio, do escultor/ceramista baiano Osmundo Teixeira, e os valores arrecadados através da rifa dessa escultura aumentaram bastante os recursos para o Congresso. O sorteio foi realizado pelo próprio artista e pela presidente local do Congresso, Cláudia Guanais Fausto (FIG.6) no dia 27, tendo sido sorteado o número 009, e contemplada uma pessoa de Salvador.

Na tarde do mesmo dia, houve uma assemblea dos associados, tendo sido decidido que o próximo congresso será realizado em Belo Horizonte, Minas Gerais, em 2019.

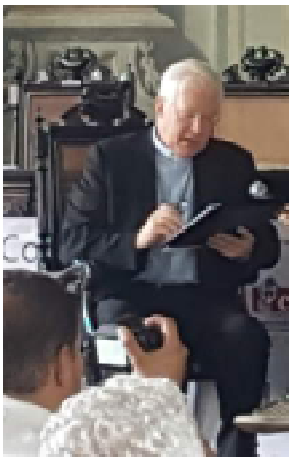

Figura 2: Dr. Dom Carlos Azevedo.

Figura 3: Dra. Gabriela Siracusano.

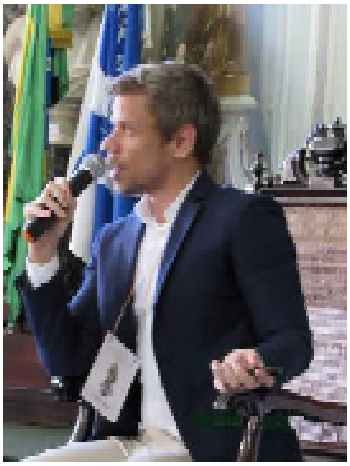

Figura 4: Dr. Tadeu Mourão.

Figura 6: Sorteio por Osmundo Teixeira e Cláudia Guanais.

CEIB - Presidente de Honra: Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira; Presidente: Beatriz Coelho; Vice-Presidente: Maria Regina Emery Quites; 1º Secretário: Agesilau Neiva Almada; 2º Secretário: Fábio Mendes Zarattini; 1ª Tesoureira: Daniela Cristina Ayala Lacerda; 2ª Tesoureira: Carolina M. P. Nardi. **ENDEREÇO**: Escola de Belas Artes. Avenida Antônio Carlos, 6627. 31.270-910, Belo Horizonte, MG, Tel: (55) 31 3409-5290. E-mail: ceibimaginaria@gmail.com; site: www.ceib.org.br; Facebook: Ceib. **BOLETIM: ISSN: 1806-2237;** Projeto gráfico, arte e editoração: Helena David (In memoriam) e Beatriz Coelho; **Revisão**: Agesilau Neiva Almada, Daniela Cristina Ayala Lacerda, Maria Regina Emery Quites. Tiragem: 300 exemplares; Periodicidade: quadrimestral. Os artigos assinados são de responsabilidade dos autores e não refletem, necessariamente, a opinião do **BOLETIM DO CEIB.** É permitida a reprodução de fotos ou artigos desde que citada a fonte. **COMISSÃO EDITORIAL:** Myriam A. Ribeiro de Oliveira, Eduardo Pires de Oliveira, Maria Regina Emery, Maria Cristina Leandro Pereira, Beatriz Coelho

cecor **APOIO**

Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis
Escola de Belas Artes/UFMG